



700 Anos

AUGUSTO PINHEIRO

UM "NAIF" EM NISA

(SUA TERRA NATAL)

Inaugura-se no próximo dia 9 de Agosto, no edifício da Escola Primária em Nisa, uma exposição de pintura a óleo s/tela, de um dos mais representativos "naifs" portugueses, AUGUSTO PINHEIRO.

Nascido nesta Vila de NISA, e comerciante de profissão, começou a pintar aos 66 anos de idade; apresentou-se pela primeira vez ao público, em Janeiro de 1974 na Galeria de arte do "Diário de Notícias"; logo a seguir na S.N.B.A. e colectiva da A.I.C.A.; depois em Madrid, Badajoz, Mérida, Porto, Estoril, Lisboa, Aveiro, Viena de Austria, Faro e Leiria.

O arquitecto Mário de Oliveira, que o descobriu, escreveu sobre este artista:

"O homem Augusto Pinheiro é igual ao pintor. Aqui reside a verdade da sua própria aventura de ser pintor "insito". Nada é falso na sua pintura, tudo é profundamente verdadeiro. A técnica não tem importância, a noção de perspectiva e do espaço é para ele desconhecida, e sente a natureza como uma sinfonia de cor, onde as borboletas, os pássaros, os animais e as árvores são apenas relações surpreendentes da poética imaginária do seu mundo ecológico, onde não existe nenhum tipo de "poluição".

A pintura de Augusto Pinheiro, é uma dádiva da sua generosidade espiritual. Nesta hora de tanta manipulação mercantil, encontramos um pintor "insinto" entregando-se à pintura com o mesmo entusiasmo de uma criança. É que o pintor parece lembrar em toda a sua obra aquela de Brancusi: - "Quando deixamos de ser crianças estamos mortos. É pura alegria o que vos dou".

Augusto Pinheiro está cada vez mais vivo, porque é profundamente alegre, profundamente puro e também, é felizmente para ele, profundamente criança. Assim o mostra esta original pintura, onde não existe nenhuma espécie de batota e onde tudo é tão límpido como a água que brota da nascente".

O panorama artístico português não é rico em pintores "naif", ao contrário do que acontece por exemplo em Espanha, França e no Brasil, em que tal corrente conhece actualmente um êxito invulgar.

4/ Anabela Mendes Alves
gracia Larisa quina Lid.

H. Celestina
B. Ribeiro

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

Teresa Rita Marques

Leínia Maria Ribeiro dos Reis

Com admiração e
[Handwritten signature]

2 de Abril de 1981

O MENSAGEIRO

Artes em Leiria

★ PINTURAS «NAIFS»
DE AUGUSTA PINHEIRO
NA GALERIA DE ARTE
CAPITEL

Espectacular na sua cor e graciosidade de gesto ingénuo, a Exposição (40 óleos) que abriu no dia 28 do corrente, do pintor «naif», Augusto Pinheiro, natural de Nisa, mas radicado em Lisboa.

Muitos convidados que rodearam o artista, que estava acompanhado de seu sobrinho António Pinheiro e de sua esposa — lhe significaram os melhores e sinceros parabéns! Entre eles citamos, o Presidente do Turismo, Eng.º Alberto Zúquete, os pintores Carlos Amaral, Vítor Ramos e João Mário, Dr. Evaristo Marques, Eng.º Humberto Guerreiro, representante dos órgãos de Comunicação Social, entre eles Manuel Artur que fez um apontamento para a TV. A Dona Manuela Eanes, telefonara, através da Presidência da República, agradecendo o convite, lastimando não poder estar presente, mas desejando o maior êxito.

«Os seus quadros, além de possuírem uma ingenuidade encantadora, uma pureza que lhe vem directamente da alma, em percepções de um enorme valor poético, têm ainda e principalmente uma profunda vibração cromática» — escreve o Mestre Pintor (arquitecto e escritor) Mário de Oliveira no seu claro e inteligente prefácio do «Catálogo».

De facto, sente-se nos trabalhos do artista uma vibrante poesia, em existência sonambulesca, com símbolos e sugestões de coisas desaparecidas.

Paisagens em flor, casas significativas, silhuetas humanas, animais e árvores estranhas — arquítipos de uma alma fré-consciente, magnífica, traduzindo quase magicamente uma festa para os nossos olhos e espírito. Inventário de formas em visão interior, numa relação nova entre o homem e as coisas de um autêntico autodidacta que se exprime numa manifestação de alegria, como se vivesse num espaço linear de natureza primitiva, com sentimentos puramente elementares.

Exposição de motivos recontraídos, à maneira de Rousseau, quando apresentou as suas telas no Salão dos «Champs-Élysées», em 1885, causando

agora, Augusto Pinheiro, o mesmo espanto. O mesmo testemunho de espectáculo, dos pintores «naifs» americanos, como Edward Hicks, semelhante perspectiva de «Jar Ani» de um Emerik Fejés (croata), o sentir religioso, em estilo de Ex-Voto, dos seus «Entre flores» e «Cristo dos Castores», como na «Origem do Mundo» — motivos tão da eleição de André Banchaut (francês) — ou de mostras à maneira de Dominique Lagur (francês) e um êxtase vegetal e cor do próprio Henri Rousseau — tudo unido na mesma arte romântica e comovente, arcaica e em mosaico multicolor.

A Exposição que tem sido uma curiosidade artística para o meio leiriense, tendo sido adquiridos alguns trabalhos — encerra em 6 de Abril.

Augusto Pinheiro
1905

Nasceu na Vila de Nisa, Alto Alentejo, em 22 de Agosto de 1905 . É comerciante de profissão e começou a pintar aos 66 anos, tendo realizado até ao presente as seguintes exposições individuais : Galeria Diário de Notícias, Janeiro de 1974; Galeria Moderna de Madrid, Maio de 1976; Galeria Nuevos Caminhos de Badajoz, Fevereiro de 1977; Galeria O Primeiro de Janeiro, Junho de 1977; Galeria de Arte do Casino Estoril, Abril de 1978; Galeria de Arte de S. Francisco, Dezembro de 1978; Galeria de Arte O País, Março de 1979; Galeria de Arte A Grande, Abril de 1979; Galeria de Arte Capitel, Março de 1981; Galeria de Arte O País, Abril de 1981; Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, de Castelo Branco, Novembro de 1981; Casino Estoril, 1985. Participou nas seguintes exposições colectivas: Sociedade Nacional de Belas Artes, Janeiro de 1974; Seleccionado para a Exposição da AICA, Março de 1974; Câmara Municipal do Funchal, Maio de 1979; seleccionado para a colectiva em Viena de Áustria, Maio de 1979; Galeria de Arte do Casino Estoril, Maio de 1980; Galeria de Arte 21 em Faro, Julho de 1980; Galeria de Arte do Casino Estoril, Salão de Outono, Outubro de 1980; Sociedade Nacional de Belas Artes, Agosto de 1981; Galeria de Arte do Casino Estoril, Salão Outono (Mensão Honrosa), Outubro de 1981 de 1981.

Augusto Pinheiro, comerciante de profissão, viveu afastado das tintas e pincéis.

Fazia muitos desenhos para bordados, actividade a que se dedicava sua esposa.

Publicou dois números de Revista de bordados com muitas flores e ramagens. Ficava bastante impressionado quando visitava uma exposição de pintura, e com o desejo enorme de começar também a pintar.

Um dia pegou num lápis de côr e papel e fez um lindo desenho. Do papel passou ao pano e começou a fazer um pequeno quadro. Daí em diante nunca mais parou. Em 1970/71 passou pela casa Ferreira a comprar as primeiras tintas a oleo, os secantes, e aprendeu a isolar as telas de linho, as quais também são preparadas por si.

Dois anos mais tarde, já com alguns quadros prontos, escreveu ao Sr.º Arquitecto, crítico e pintor Mário de Oliveira, pedindo o favor de passar pelo seu escritório para lhe mostrar umas simples pinturas. Viu, gostou, e o pintor nem queria acreditar, parecia uma criança, pois julgava que tudo aquilo era uma brincadeira sem valor.

Foi o Arquitecto Mário de Oliveira que o encaminhou e encorajou para continuar a pintar, pois logo que tivesse duas ou três dezenas de quadros, voltaria a aparecer para seleccionar alguns quadros para um dia fazer uma exposição. E assim foi, esta em Janeiro de 1974, na Galeria de Arte do Diário de Notícias. Foi o seu primeiro êxito, pois a crítica a considerou como a mais coerente e inventiva. E pela mão daquele conceituado crítico, nesse mesmo ano, foi seleccionado para a exposição da A.I.C.A., na Sociedade Nacional de Belas Artes, uma das exposições mais exigentes, porquanto é organizada pela Associação Internacional dos Críticos de Arte. A partir desta importante e significativa exposição a carreira artística de Augusto Pinheiro, teve sempre os maiores êxitos.

Em Madrid, em Maio de 1976, Augusto Pinheiro expõe na Galeria "MODENA", especializada em arte "Naif". Foi um êxito total. Todos ficaram surpreendidos pela força cromática dos seus quadros, e sobretudo pela subtilidade dos matizes. Augusto Pinheiro, ganha aqui os pergaminhos de um dos melhores pintores internacionais dentro do movimento "Naif". - O grande psiquiatra espanhol Professor Vallejo Nagera, autor de vários livros e ensaios sobre a arte "Naif", classificou Augusto Pinheiro, como um caso singular, não só pela sua pureza de emoções, onde por vezes o poético e o mágico se integram, como principalmente pela capacidade do seu iluminismo exterior.

* subscrito de Augusto Pinheiro

Não merece apenas citar os seus grandes êxitos artísticos depois desta exposição de Madrid, mas é justo dizer que chegou até Paris, no Salão dos Independentes, em Janeiro de 1982, e que em Lisboa teve em seguida grandes êxitos, mórmente nas exposições da Galeria de S. Francisco e na Galeria "O País".

Como estamos na terra do pintor, é justo informar ainda, que Augusto Pinheiro, obteve também grandes êxitos nos Salões Ibéricos, organizados pela Galeria do "Casino Estoril", considerando o Director desta prestigiosa Galeria Dr.º Lima de Carvalho, as pinturas deste puro "Naif" como das melhores.

Augusto Pinheiro, continua a pintar com um entusiasmo autenticamente juvenil, o seu mundo imaginário, a sua ingenuidade perante o aspecto inspirador, e a transformação formal das coisas objectivas deve ser entendido como o caminho pelo qual o artista se alcança a si próprio, numa convicção íntima de toda a autenticidade da substância do seu ser.

Meus Senhores, e minhas Senhoras, para terminar, penso que talvez seja oportuno dizer, o que é a pintura "Naif". Como se sabe, "Naif" é uma palavra francesa que tem muitos e variados significados, tais como ingénuo, simples, espontâneo, puro, etc. É uma arte, que nada tem de comum com a chamada arte erudita, e que constitui hoje um dos fenómenos sociais e artísticos à escala mundial.-

E, Nisa, pode-se orgulhar, de possuir entre os seus filhos, o pintor Augusto Pinheiro, que já está classificado como um dos pintores mais significativos, não só no âmbito nacional, como internacional.

A arte é, sem dúvida a fôrma mais positiva de comunicação. O artista erudito comunica uma mensagem; o artista que pratica o "Naif" não nos oferece essa mensagem, antes pinta como quem conta uma história ou relato emocional da sua personalidade.

É, isto, afinal, que nos tem oferecido Augusto Pinheiro, contar histórias da sua imaginação, cheias de encanto, de pureza e de lirismo.

AUGUSTO PINHEIRO

Uma Homenagem Justa

A homenagem que a Câmara Municipal de Nisa hoje presta a **Augusto Pinheiro** insere-se na linha mais autêntica de uma política humanista de gestão municipal que é a de honrar os cidadãos que se distinguiram através da sua conduta e da obra que nos legaram, apresentando-os como exemplos enriquecedores do património humano - que é o mais valioso de todos - de uma terra. É necessário abrir estradas, construir escolas e hospitais, fazer jorrar a água dos fontenários, garantir condições para a defesa da saúde, da segurança social e da assistência, mas atender também à necessidade de alimentar a memória colectiva da terra em que nascemos e vivemos - apontando o nome e o exemplo daqueles que nos legaram uma obra.

Augusto Pinheiro é digno desta homenagem como **Homem**, como **Cidadão** e como **Artista**.

Como **Homem**, porque foi exemplar no trato e na conduta; apesar da sua origem humilde, todos lhe reconheciam uma educação esmeradíssima; bondade, amabilidade e fidalguia de relacionamento com todos com quem lidava. Como **Cidadão**, porque tendo ficado orfão de pai aos nove anos, conseguiu vencer as agruras da vida e construir uma carreira através do trabalho na sua pequena empresa de exportação e no dos trabalhos de artesanato dos belíssimos bordados da região que sua mulher manufacturava com a colaboração de algumas dezenas de bordadeiras desta terra. Como cidadão não podemos esquecer, também, a doação de um valioso espólio dos seus trabalhos e outros bens à Misericórdia local.

Mas é sobretudo o **Artista** que eu quero recordar. **Augusto Pinheiro** tinha uma grande sensibilidade artística, presente em tudo quanto fazia. Nos bordados que riscava em papel vegetal para os atoalhados, os lençóis e outros panos que encheram os bragaís de muitas noivas da região. E mais tarde, como pintor.

Como artista acalentou durante muito tempo um sonho que só aos 66 anos conseguiria concretizar. Pintar "quadros" em tela, restos de panos de linho que sobejavam dos bordados de sua mulher. Pintar aquelas coisas de que tanto gostava: os pássaros e as borboletas, as flores e os jardins, as árvores e os bosques, os lagos e os rios, as paisagens campestres, os barcos e os peixes, as crianças brincando, as

aldeias com seus largos e igrejas, os chalés, as janelas floridas, as amendoeiras, os animais domésticos e tantas coisas mais com que construía paraísos, que pequenos e verdadeiros paraísos haviam de ser todos os seus quadros.

Nutria especial carinho por alguns temas, como os pássaros, que lhe proporcionavam inúmeras variantes e composições: “os pássaros de poupa”, as “aves reais”, o “recreio das andorinhas”, o “lago dos patos”, as “aves do paraíso”, as “aves e flores”, os “pássaros exóticos”. Igualmente as abelhas e borboletas, que eram sempre grandes como aviões, e estavam presentes em todos os trabalhos, permitiam-lhe compor quadros diversos, como o “reino das abelhas”, o “paraíso das abelhas”, o “paraíso das borboletas”, as “borboletas de chapéu alto”, etc.

Os monumentos, as terras e regiões faziam parte também do seu inexaurível universo pictórico: as paisagens ribatejanas, do Mondego, do Alentejo, as igrejas da vila, de Todos os Santos, a mata do Guincho ou do Ribeiro.

Muitas vezes arriscava-se por mais altos voos pictóricos e temas mais exigentes e difíceis como “paisagem estilo Van Gogh”, “concerto na mata do Guincho”, “homenagem a Marc Chagal”, “a cantora do Scalla”, “a primavera elegante”, “o mundo fantástico”, “pedido de casamento”, “os cavalos amestredos”, “a Torre Eiffel”, “a paisagem do Rio Azul” ou a célebre “orquestra canina”, por onde a sua fabulosa imaginação divagava e construía pequenos mundos de cor e de magia.

Profundamente religioso, punha na feitura dos Cristos, um especial carinho e devoção, amorosamente rodeados de botões de flores ou motivos ornamentais.

Quando se iniciou na pintura, **Augusto Pinheiro** não escolheu escolas ou correntes, linguagens ou formas de expressão. Deu rédeas soltas à sua imaginação e começou a pintar como o seu instinto lhe ditava, com total liberdade e despreendimento das regras da perspectiva ou de composição de que nunca ouvira falar. Com cores primárias e fortes, pondo em destaque os elementos que mais lhe diziam ao gosto e ao coração.

Augusto Pinheiro é um dos mais puros e autênticos “naifs” portugueses, pelo ingenuísmo quase infantil dos seus trabalhos, a poesia lírica que ressalta de cada um dos seus quadros, a falta total de perspectiva, a pureza das cores, a originalidade dos temas e soluções. O carinho. O amor.

Deixamos propositadamente para o fim uma referência às características da pintura “naif”, a sua designação internacionalmente consagrada mas que outros preferem chamar de “pintura dos ingénuos”, “primitivos do século XX”, pintores do

“Coeur Sacré”, “pintores de domingo”, ou ainda, “pintores insitos”, segundo pretende a Escola de Bratislava. Todos estes temas comportam um pouco da natureza da pintura “naif” (do latim *nativus*, natural), mas nenhum traduz com rigor a essência desta modalidade pictórica.

Robert Thilmany, um dos maiores estudiosos desta corrente, no seu livro “Critériologie de L’Art Naif” enuncia as seguintes quatro características fundamentais desta pintura:

- o perfume da inocência, uma “candura angélica”, uma ingenuidade de tema ou execução, que constitui uma das características fundamentais da modalidade;
- a poesia, que traduz a visão poética da realidade que os pintores “naifs” colocam nos seus trabalhos;
- a originalidade criadora, pessoal, inventiva, indispensável a toda a arte “naif” digna deste nome;
- a dimensão metafísica de uma certa procura do absoluto, numa perspectiva festiva, simbólica, hedonista, religiosa, social, mística ou qualquer outra, cuja ausência reduz a arte a um puro objecto decorativo.

Robert Thilmany acrescentaria, ainda, como característica fundamental dos “naifs” uma certa obsessão de cada artista em relação a uma característica pessoal que irá definir porque está sempre presente nas obras de cada um e lhe confere identidade, seja um motivo utilizado, uma tonalidade exclusiva ou até num conjunto de temas decorativos habitualmente usados.

Outras características se poderiam acrescentar, como a sinceridade em oposição à simulação, a frescura da expressão, um certo infantilismo não num sentido simplista, mas de afectividade pura: uma certa insuficiência técnica, sobretudo na expressão das perspectivas e proporções, característica que os outros pintores por vezes também colocam nos seus trabalhos, mas de uma forma intencional e nunca espontânea e natural, como acontece com os “naifs”. “Imaginários do imaginário”, estes pintores representam e traduzem acima de tudo um estado de alma através dos seus quadros, uma visão de tudo quanto os rodeia ou do produto da sua imaginação, muitas vezes a tocar o próprio surrealismo.

Não se confunda arte “naif” com arte popular e muito menos “naifismo” com amadorismo. Os pintores “naifs” não são pintores amadores, embora essa convicção

se encontre um pouco generalizada. "O amador esforça-se por imitar o estilo dos profissionais, enquanto que o verdadeiro "naif" tem a sua própria visão pictória, eminentemente original, sem dever nada a ninguém", como escreveria Robert Thilmann, que aponta vários casos de pintores que tiveram mestres ou frequentaram escolas onde aprenderam a técnica da pintura.

Augusto Pinheiro está representado nos **Museus de Pintura "Naif" de Jaén e Figueras, em Espanha e no Museu de Arte Primitiva Moderna de Guimarães.**

Entre os **prêmios** que recebeu referem-se: Menção Honrosa no Salão de Outono 81 da Galeria de Arte do Casino Estoril; Menção Honrosa no IV Salão Nacional de Pintura "Naif" da Galeria de Arte do Casino Estoril;

Prémio Câmara Municipal de Guimarães no XIV Salão de Pintura "Naif" da Galeria de Arte do Casino Estoril.

A pintura "naif" está a afirmar-se cada vez mais em todos os países, com a realização de exposições, publicação de livros, abertura de galerias e até a instalação de museus exclusivamente dedicados a esta modalidade os colecionadores adquirem obras de arte "naif", que em muitos casos atingem cotações tão elevadas como os trabalhos das outras correntes e tendências.

Há alguns anos foi editada na Suíça uma importante enciclopédia mundial de arte "naif", abarcando um horizonte temporal de 100 anos - tal é a idade desta expressão - abrangendo 48 países dos cinco continentes e apresentando os "currícula" de 1.000 artistas. Destes mil autores, apenas 1 (um) é português. Dos outros países vêm referidos às dezenas. Por exemplo, 73 franceses, 64 italianos, 47 brasileiros, 54 australianos, 68 belgas, 98 polacos e por aí fora.

Português, apenas um. Porquê? Porque não teremos em Portugal pintores "naifs" em qualidade e quantidade para emparceirar ao lado dos artistas dos outros países? Não. Apenas, porque a obra daqueles que existem em número e qualidade significativos, não tem sido minimamente divulgada no estrangeiro. E essa é uma lamentável lacuna da nossa política da Cultura.

Mas vale a pena avançar um pouco mais e dizer como é "lá fora", apontando, apenas um exemplo - o da França. Neste País existem pelo menos 18 museus, alguns em Paris e em 12 outras cidades, que expõem quadros de pintores "naifs", nomeadamente o Louvre, o Museu Nacional de Arte Moderna de Paris e o Centro Pompidou. Existem neste País dois museus dedicados exclusivamente à arte "naif" internacional: Museu de Ile-de-France e o Museu Henry Rousseau, de Laval.

Seis galerias de Paris apresentam habitualmente arte “naif”, o mesmo acontecendo em galerias de Nice, Vence, Aix-en-Provence e Lille. Os pintores “naifs” franceses, para além das grandes mostras nacionais em que habitualmente participam, têm estado presentes em colectivas na Alemanha, Itália, Suíça, Bélgica, Holanda, Grã-Bretanha, Israel e nos Estado Unidos da América.

Claro que a França é a França e Portugal é Portugal. Mas que existe entre nós um bom punhado de pintores “naifs”, que não têm sido suficientemente apoiados e divulgados, isso é um facto. Tudo isto, porque a nossa mentalidade ainda não deu para chegar lá, exclusivamente rendida aos vanguardismos, algumas vezes de trazer por casa...

Mais: em 1964, o Museu de Arte Moderna de Paris apresentou uma grande exposição, “O Mundo dos Naifs”. Em Portugal, se se pensasse levar os “naifs” a algum dos museus do Estado, talvez caísse o Carmo e a Trindade...

Alguém dirá que é uma questão de tempo... Cremos bem que sim. E não temos dúvidas, também, de que alguns dos “naifs” de hoje serão amanhã bem mais cotados do que muitos dos vanguardistas que estão na berra e gozam dos beneplácitos oficiais ou officiosos.

Em Portugal a Câmara Municipal de Guimarães promoveu em 1991 a organização de um Museu de Arte Naif, designado de Arte Primitiva Moderna, reunindo hoje mais de 100 trabalhos de artistas portugueses, brasileiros e espanhóis, oferecidos na sua quase totalidade através de diligências feitas pela Galeria de Arte do Casino Estoril.

Pensamos que a melhor homenagem que se poderia prestar em Nisa a **Augusto Pinheiro** seria, com o seu espólio e os quadros que doou à Misericórdia, e outros doados por outros artistas, dar início a um processo de criação de um Museu de Arte “Naif” Augusto Pinheiro em Nisa. Vamos a isso?

A finalizar não posso deixar de referir a presença nesta exposição de uma representação muito significativa de pintores “naifs” portugueses, que conheceram, conviveram e participaram em numerosas exposições com **Augusto Pinheiro**. São eles.....

O seu mundo é um mundo singular. Um mundo de sonho e fantasia. O verdadeiro pintor “naif”, mais do que com os pincéis e as tintas, pintam com o coração. Assim era **Augusto Pinheiro**. Um grande Artista que honra Nisa, sua Terra e de que todos nos devemos orgulhar.

Augusto Pinheiro

Nasceu em Vila de Nisa, Alto Alentejo, em 22 de Agosto de 1905. Era comerciante de profissão e começou a pintar aos 66 anos. Participou em cerca de 40 exposições colectivas em Portugal e no estrangeiro e realizou 17 individuais.

Principais exposições:

Galeria Diário de Notícias - Janeiro de 1974 - Individual; Sociedade Nacional de Belas Artes - Janeiro de 1974 - Colectiva; Seleccionado para a exposição da A.I.C.A. - Março de 1974; Galeria Modena de Madrid - Maio de 1976 - Individual; Galeria Nuevos Camiños de Badajoz - Fevereiro de 1977 - Individual; Galeria O Primeiro de Janeiro - Porto - Junho de 1977 - Individual; Galeria Bedate de Mérida Junho de 1977 - Individual; Galeria de Arte do Casino Estoril - Abril de 1978 - Individual; Galeria S. Francisco - Dezembro de 1978 - Individual; Galeria O País - Março de 1979 - Individual; Galeria A Grade - Abril de 1979 - Individual; Câmara Municipal do Funchal - Maio de 1979 - Colectiva; Seleccionado para colectiva em Viena de Áustria - Maio de 1979; Galeria do Casino Estoril - Maio de 1980; Galeria 21 em Faro - Julho de 1980 - Colectiva; Galeria Casino Estoril - Outubro de 1980 - Salão de Outono; Galeria Capitel - Março de 1981 - Individual, Galeria O País - Abril de 1981

- Individual; Sociedade Nacional de Belas Artes - Agosto de 1981 - Colectiva; Biblioteca Municipal de Nisa - Agosto de 1981 - Colectiva; Galeria do Casino Estoril - Outubro de 1981 - Colectiva - Salão de Outono - com obtenção de Menção Honrosa; Museu de Francisco Tavares Proença Júnior- Castelo Branco - Dezembro 1981; Galeria do Casino Estoril - Janeiro de 1982 - "3 Pintores Naifs"; Salon des Indépendents - Paris - Abril de 1982; Galeria do Casino Estoril - Setembro de 1982 - Colectiva -II Salão Ibérico; Galeria O País - Janeiro de 1983; Galeria do Casino Estoril - Julho de 1983 - 25 Anos ao Serviço da Cultura; Galeria do Casino Estoril - Agosto de 1983 - IV Salão Nacional de Pintura "Naif" com obtenção de Menção Honrosa; Galeria S. Francisco - Janeiro de 1984 - Individual; Galeria Casino do Luso - Julho de 1984 - Individual; Galeria do Casino Estoril - Setembro de 1985 - Colectiva; Galeria Fonte Nova - Outubro de 1985 - Colectiva; Câmara Municipal de Coimbra - Novembro de 1985 - Colectiva; Casa da Imprensa - Janeiro de 1986 - Colectiva; Galeria do Casino Estoril, 1988; Galeria do Casino Estoril, 1989; Galeria do Casino Estoril, 1990 - Menção Honrosa; Galeria do Casino Estoril, 1991; Galeria do Casino Estoril, 1992; Galeria do Casino Estoril, 1993 - Prémio Municipal Câmara de Guimarães; Galeria do Casino Estoril, 1994, 1995, 1996 e 1998, como artista convidado.